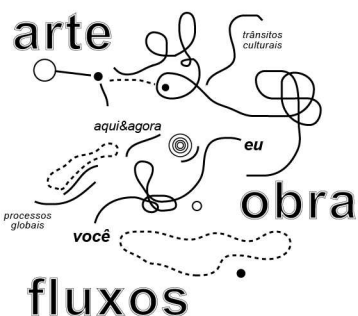


AUTORRETRATOS MÓVEIS NA ERA LÍQUIDA

Flavya Mutran Pereira

UFRGS

Autorretratos móveis na era líquida procura estabelecer uma relação entre a veiculação ilimitada de imagens na web e a concepção de identidade atual, tendo o rosto como paisagem-mapa para os fluxos de subjetividade que se processam nas Redes Sociais. A partir de Michel Foucault se estabelecem os posicionamentos adotados para analisar o problema que gira em torno do sujeito que se autorretrata figurativamente: a relação ambígua que o artista e o homem comum nutrem com a própria imagem frente ao seu papel social, sua identidade privada e sua conduta coletiva. Associado à Identidade, adota-se o termo liquidez de Zigmund Bauman quanto ao comportamento do indivíduo na sociedade contemporânea, que ao contrário da sociedade moderna anterior está sendo permanentemente desmontada. Usando o mote do conceito de Rostidade de Gilles Deleuze e Félix Guattari, analisa-se o processo de produção social, política e ideológica que constitui um rosto, como uma espécie de biopoder introjetado em diferentes camadas sociais. Rostidade aponta para a possibilidade de pensar o rosto como um território que migra conforme os fluxos de interação social, e como ferramenta teórica para analisar as fotografias digitais de Tomoko Sawada, Helga Stein e de Joan Fontcuberta. De forma pontual, além de procedimentos específicos das tecnologias dos nossos dias, os trabalhos desses artistas abordam alguns dos temas mais explorados em autorrepresentações no campo da arte e da comunicação de massas.



XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

Experimentações similares também são praticadas por internautas de vários países, graças a aplicativos '*free commos*' disponíveis na web. Mais do que apresentar manifestos políticos, paródias ou representações de motivações variadas, os artistas e o homem comum simulam existências paralelas, combinações genéticas improváveis e significados novos para velhos temas. Neste artigo, pensa-se na web como área que se amplia e se bifurca a partir da ergonomia do sujeito representado pelo rosto do interator, associado a idéia de mobilidade de Deleuze e Guattari como manifestações caracterizadas por velocidades e intensidades e não por trajetos ou distâncias. Ao se autorretratar e inserir-se de forma serial nos circuitos em rede e na arte, o internauta e o artista dilaceram os limites do círculo íntimo e das esferas coletivas, quebrando limitações espaciais que vão além de estruturas visíveis e funcionais.

Autorretrato, fotografia digital, redes sociais